

DRIBLE NA CRISE

Mesmo em ano difícil, Estado puxa produção industrial do país

Resultado capixaba foi de 18% no acumulado do ano, impulsionado pelo setor extrativo

«A indústria brasileira, em especial a do Espírito Santo, tem conseguido driblar a crise econômica com aumento na produtividade. O desempenho nacional do setor foi de 0,6%, o mesmo índice observado no Estado entre abril e maio deste ano. Apesar do “empate” no último mês avaliado pelo IBGE, o Espírito Santo é a federação que tem apresentado os melhores números no setor industrial.

Entre janeiro e maio deste ano, o Estado aumentou em 18% a produção industrial contra -6,9% no país. Foi o melhor índice de crescimento em todo o Brasil.

Os números, aliás, são uma contradição ao momento delicado vivido pela indústria local, que tem demitido, suspenso contratos e até reduzido jornadas e salários. Mais de 7 mil pessoas, a maioria da indústria, perderam o emprego nos últimos cinco meses do ano.

Só que, de acordo com a pesquisa do IBGE, a piora do quadro econômico em 2015 em relação a 2014 também não conseguiu

ESPERANÇA

“O ano está difícil, mas ainda acreditamos que a indústria do Estado terá crescimento de dois dígitos, ficando em média com 12% de alta. Já a indústria no país deve retroceder também em dois dígitos”

MARCOS GUERRA
PRESIDENTE DA FINDES

barrar o avanço da indústria local. Em comparação com maio passado, a produção expandiu 14,1%.

“Esse bom desempenho da indústria está relacionada a uma produção nova, reflexo do início dos trabalhos da Quarta Usina da Samarco, Oitava Usina da Vale e do retorno da operação do Terceiro Alto Forno da ArcelorMittal Tubarão”, explica o presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Fines), Marcos Guerra.

De acordo com o empresário, o setor extrativo é o que mais tem crescido no Estado. “E mesmo que a indústria de transformação esteja sofrendo com a crise, até ela tem sido beneficiada pela expansão do segmento



Trabalhos na Oitava Usina da Vale ajudaram a manter a produção industrial no azul

de extração”, acrescenta.

O setor metalmeccânico, uma das áreas mais afetadas pela crise, também tem conseguido se recuperar. Após queda de 30% na produtividade, no ano passado, essa indústria alcançou nos cinco meses do semestre passado um crescimento de 35,2%.

“Nem sempre a crise faz uma empresa deixar de produzir”, acrescenta Guerra, ao afirmar que entre as indústrias mais afetadas pela turbulência no mercado es-

LÁ NO ALTO

14%

de crescimento

Foi o quanto a produção industrial cresceu em maio deste ano em relação ao mesmo mês de 2014.

tão as de alimentação, de vestuário e moveleira.

CENÁRIO NACIONAL

No país, a produção industrial cresceu em nove de 14 locais em maio, segundo o IBGE. Os melhores, com maiores aumentos, partiram do Ceará (3,6%), do Amazonas (2,6%), de Pernambuco (1,4%) e de Minas Gerais (1,3%). Além do Espírito Santo, mostraram resultados positivos Santa Catarina (0,7%), São Paulo

(0,5%), Paraná (0,3%) e Rio de Janeiro (0,2%).

“Esses nove locais acompanharam o crescimento do Brasil. Na passagem de abril para maio, a indústria brasileira avançou 0,6%. Ele (avanço) se distribuiu não só em termos de atividade, mas em termos de locais investigados”, explicou Rodrigo Lobo, pesquisador de indústrias do IBGE.

Por outro lado, caíram as produções da Região Nordeste (-2,2%) - que inclui os outros Estados da região -, do Rio Grande do Sul (-1,6%), do Pará (-1,5%), Bahia (-1,0%) e de Goiás (-0,6%).

“A última vez em que a indústria mostrou esse resultado foi em março de 2015, um período recente, mesmo com aquela queda de 0,8%, a maior parte dos locais mostrou crescimento. Resultado maior foi em julho de 2014, quando 11 dos 14 mostraram crescimento da produção industrial, por conta de uma baixa base de comparação em junho por conta da Copa do Mundo”.

Ante maio do ano passado, a maioria registrou redução na produção. Os recuos mais intensos partiram de Ceará (-13,9%), São Paulo (-13,7%), Amazonas (-13,7%) e Rio Grande do Sul (-13,3%).

USINAS EM SOLO CAPIXABA

Estado defende falência do grupo Infinity

Medida visa a garantir pagamento de débitos com fornecedores e com funcionários demitidos

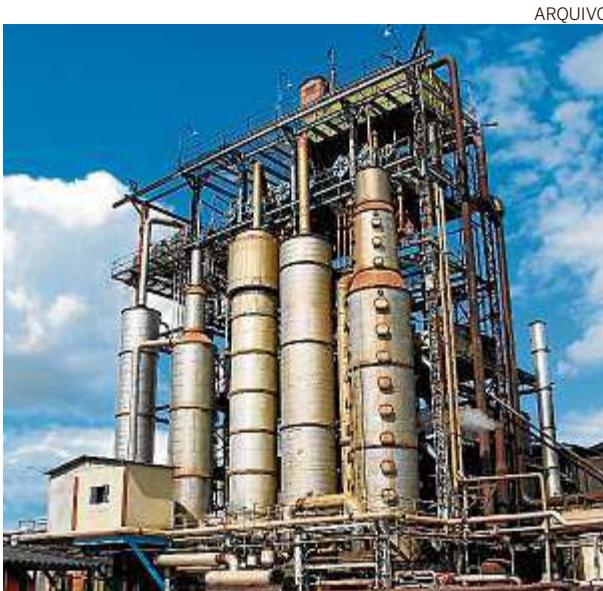
«Para tentar garantir o pagamento de dívidas do grupo Infinity com fornecedores, trabalhadores e com a administração pública, o governo do Espírito Santo está defendendo que seja decretada a falência da empresa.

O secretário de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca, Octaciano Neto, encaminhou um ofício ao juiz Paulo Furtado, da 2ª Vara de Falências e Recupera-

ções Judiciais do Foro da Capital, em São Paulo, manifestando a apreensão do governo do Espírito Santo quanto aos desdobramentos da crise financeira que atinge as empresas Infinity Bio-Energy Brasil Participações S.A.

Nesta semana, a empresa, que já se encontra em processo de recuperação judicial, apresentou à Justiça novas estratégias para sanar os problemas do grupo, proprietário das usinas Cridasa, em Pedro Canário (ES), e Disa, em Conceição da Barra.

Estima-se que, somente com fornecedores, a Infini-



Produção na usina de álcool Cridasa, em Pedro Canário

ty Bio-Energy possua uma dívida que ultrapasse os R\$ 2 bilhões. O grupo também acumula um grande passivo trabalhista, além de um débito milionário com as Fazendas Públicas.

Para o secretário de Estado da Agricultura, o novo Plano de Recuperação Judicial apresentado pelo grupo Infinity representa mais uma tentativa de postergar o cumprimento de suas obrigações com os milhares de funcionários do setor sucroalcooleiro capixaba, que já foram demitidos, com os produtores de cana-de-açúcar e com os demais credores, entre eles o Estado do

Espírito Santo.

Octaciano Neto defende que seja decretada a falência do grupo. “Com a decretação da falência e a indicação de um interventor poderemos ter mais garantias de que os compromissos assumidos por esse grupo empresarial junto aos mais diversos setores da cadeia produtiva sucroalcooleira serão de fato cumpridos. Um novo plano de recuperação judicial vai depreciar ainda mais os ativos do grupo empresarial e fazer com que a dívida bilionária da empresa não seja quitada”, afirma o secretário.